

ILUSÕES DOS ATEUS

A Revolução Cristã e os seus Adversários da Moda

COLEÇÃO DEBATES

1. PORQUE DEVEMOS CHAMAR-NOS CRISTÃOS

As Raízes Religiosas Das Sociedades Livres, Marcello Pera

2. DOIS DEDOS DE CONVERSA SOBRE O DENTRO DAS COISAS

Um Crente, Um Ateu e a Verdade Como Provocação, Bruno Nobre e Pedro Lind

3. ILUSÕES DOS ATEUS

A Revolução Cristã e os seus Adversários da Moda, David Bentley Hart

David Bentley Hart

ILUSÕES DOS ATEUS

A Revolução Cristã e os seus Adversários da Moda



Título original:

Atheist Delusion – The Christian Revolution and Its Fashionable Enemies

ISBN 978-0-300-11190-3 (cloth: alk paper)

ISBN 978-0-300-16429-9 (pbk.)

Copyright © 2009 by David Bentley Hart

Yale University Press

New Haven London

yaleboojks.com

www.yalebooks.co.uk

Tradução:

Mário José Galvão de Almeida

Capa:

Francisca Cardoso

Paginação:

Editorial Frente e Verso – Braga

Impressão e acabamentos:

Sersilito, Empresa Gráfica, Lda.

ISBN 978-989-98322-5-1

Depósito legal nº 408150/16

Abril de 2016

Com todas as licenças necessárias

© Frente e Verso

Rua S. Barnabé, 32

4710-309 Braga

www.frenteverso.pt

livros@snao.pt

Para Solwyn

INTRODUÇÃO

Este livro não é de modo nenhum uma obra de história imparcial. Até mesmo o mais cauteloso dos historiadores não consegue uma objetividade perfeita, uma vez que a escrita da história necessariamente requer algum tipo de narrativa de causas e efeitos, e é por isso necessariamente um ato de interpretação, o qual, pela sua própria natureza, nunca está isento de preconceito. Mas eu não sou realmente, de modo algum, um historiador e nem sequer aspiro à objetividade. No que se segue, os meus preconceitos notam-se com transparência e sem reservas, e a minha argumentação é em alguns pontos intencionalmente extrema (ou assim pode parecer). Julgo ser prudente admiti-lo desde o início, nem que seja para mais tarde não vir a ser acusado de ter pretendido uma objetividade ou neutralidade perfeita, de modo a embalar o leitor num estado de dócil credulidade. O que escrevi é, quando muito, um «ensaio histórico», em nenhum momento livre de preconceito, planeado para ser sobretudo uma apologia em favor de uma determinada compreensão dos efeitos do Cristianismo sobre o desenvolvimento da civilização ocidental.

Isto não significa, apresso-me a acrescentar, que eu esteja de algum modo a repudiar a pretensão da verdade objetiva: reconhecer que os próprios juízos históricos nunca podem eximir-se por completo de preconceitos ou de convicções pessoais dificilmente pode ser tido como uma rendição a um relativismo absoluto. Pode ser impossível fornecer provas perfeitamente irrefutáveis para as próprias conclusões, mas é certamente possível reunir indícios suficientes para as confirmar para lá de qualquer dúvida

plausível, tal como é possível discernir quando é que determinada linha de interpretação excede ou contradiz por completo esses indícios e se transforma em nada mais do que um veículo para as próprias predileções, interesses ou lealdades. Posso, além do mais, garantir a honestidade da minha tese: não distorci conscientemente nenhum aspeto da história que discuto, nem me esforcei por esconder qualquer dos seus elementos mais desanimadores. Por sinal, uma tal honestidade não me custa muito. Uma vez que a tese que pretendo sustentar *não* é que o Evangelho cristão pode transformar num instante, como por magia, sociedades inteiras, ou que ele consegue de facto convocar do mais profundo de cada alma a caridade por si exigida, ou extirpar por inteiro a crueldade e a violência da natureza humana, ou arrancar milagrosamente os homens e as mulheres aos seus contextos históricos, não sinto necessidade de iludir ou desculpar os inúmeros falhanços de muitos cristãos, ao longo dos séculos, quanto a levarem vidas de caridade e de paz. Quando me ergo em defesa do Cristianismo histórico, faço-o apenas para levantar objeções em relação a certas calúnias habituais contra a Igreja, ou para colocar em dúvida o que considero serem acusações pouco sinceras ou fúteis contra a crença ou a história cristã, ou para chamar a atenção para realizações e virtudes que os escritores de propensão piedosamente anticristã tendem a ignorar, esconder ou rejeitar.

Para lá disto, são pequenas as minhas ambições: não faço aqui nenhuma tentativa de converter quem quer que seja a alguma coisa. De facto, a questão da minha crença ou descrença pessoal é bastante irrelevante – e seria surpreendentemente pouco esclarecedora – para o meu argumento. Algumas das partes iniciais deste livro, por exemplo, dizem respeito à Igreja Católica Romana; mas o que quer que eu diga em seu favor não deve ser tomado como defesa pública da própria instituição (a que eu não pertença), mas apenas enquanto respeito pela exatidão histórica. Para ser honesto, a minha afeição pelo Cristianismo institucional, no seu conjunto, raramente é mais do que morna; e há numerosas

formas de crença e de prática cristã em relação às quais teria de fazer um grande esforço para poder proferir uma palavra amável do íntimo do meu coração, e cuja rejeição por parte dos ateus ou céticos me parece perfeitamente louvável. Num sentido mais lato, além do mais, nada do que sustento a seguir – ainda que tudo isso seja tido como certo – implica que a visão cristã da realidade seja verdadeira. Mesmo assim, a tese que desejo sustentar pretende ser provocadora, e os seus momentos mais apologeticos pretendem abrir caminho para determinadas asserções muito mais fortes e até talvez de algum modo excessivas.

Este livro tem como tema principal – ou pelo menos central – a história da Igreja primitiva, aproximadamente dos quatro ou cinco primeiros séculos, e a história de como a Cristandade nasceu a partir da cultura dos finais da época antiga. Ao escrever, o meu objetivo principal foi o de chamar a atenção para a peculiar e radical natureza da nova fé naquele contexto: como foi enorme a transformação do pensamento, da sensibilidade, cultura, moralidade e imaginação espiritual introduzida pelo Cristianismo na era da Roma pagã; a libertação que ofereceu em relação ao fatalismo, ao desespero cósmico e ao terror em relação às potências ocultas; a imensa dignidade que conferiu à pessoa humana; a sua subversão dos aspetos mais cruéis da sociedade pagã; a sua (infelizmente apenas parcial) desmistificação do poder político; a sua capacidade de criar uma comunidade moral onde nunca antes tinha existido nenhuma; e a sua elevação da caridade prática sobre todas as outras virtudes. Na sua forma mais elementar e mais otimista, o meu argumento consiste, antes de mais, em afirmar que entre todas as muitas grandes transições que assinalaram a evolução da civilização ocidental, quer tenham sido convulsivas ou graduais, políticas ou filosóficas, sociais ou científicas, materiais ou espirituais, houve apenas uma – o triunfo do Cristianismo – que pode ser apelidada no seu sentido mais pleno como uma «revolução»: uma revisão de amplitude verdadeiramente grande, e que se prolongou no tempo, da visão prevalecente que a humanidade tinha

da realidade, de tal modo difusa na sua influência e vasta nas suas consequências a ponto de ter de facto dado origem a uma nova conceção do mundo, da história, da natureza humana, do tempo e do bem moral. No meu entender, devo acrescentar, tratou-se de um evento incomensuravelmente mais admirável quanto à sua criatividade cultural e mais exaltante na sua possibilidade moral do que qualquer outro movimento de espírito, vontade, imaginação, aspiração ou realização na história do Ocidente. E estou convencido de que, considerando a radical diferença entre o Cristianismo e a cultura que ele lenta e inexoravelmente substituiu, a vitória que acabou por obter foi um evento de uma tal improbabilidade ao ponto de colocar em causa os próprios limites da nossa compreensão da causalidade histórica.

Há também, contudo, um aspeto negativo na minha tese. É aquilo a que suponho dever chamar a minha rejeição da modernidade – ou, antes, a minha rejeição da ideologia do «moderno» e especialmente a minha rejeição do mito do «Iluminismo». Devo explicar que, por modernidade, certamente não entendo a medicina moderna ou as viagens aéreas ou a exploração espacial ou qualquer aspeto genuinamente útil ou estimável da vida nos dias de hoje; não pretendo sequer apontar para o método filosófico, a ideologia social ou o pensamento político modernos. Quero antes significar a grande narrativa de si própria proferida pela época moderna: a sua história do triunfo da razão crítica sobre a fé «irracional», do progresso da moralidade social rumo a uma maior justiça e liberdade, da «tolerância» do Estado secular e da inquestionável primazia ética seja do individualismo ou do coletivismo (consoante for o caso). Em boa verdade, pretendo em parte sustentar que aquilo que muitos de nós têm ainda o hábito de referir como a «Idade da Razão» foi, de forma muito significativa, o início do eclipse da autoridade da razão enquanto valor cultural; que a época moderna se assinala em grande medida pelo triunfo de um dogmatismo inflexível e irrefletido em todas as esferas da iniciativa humana (incluindo as ciências) e por uma fuga da racionalidade

para um grande número de fundamentalismos tranquilizadores, tanto religiosos como seculares; que a ideologia da modernidade própria do Iluminismo *como tal* nem sequer merece qualquer especial crédito pelo progresso da ciência moderna; que a capacidade do Estado secular moderno para praticar a barbárie excede qualquer dos males pelos quais o Cristianismo pode com justiça ser acusado, não somente em virtude da tecnologia avançada que tem ao seu dispor, mas pela sua própria natureza; que entre as principais realizações da cultura moderna se contam uma entrega generalizada à superstição e a geração de formas particularmente impiedosas de niilismo; e que, em comparação com a revolução cristã a que se seguiu, a modernidade é pouco mais do que uma reação, ou mesmo uma contrarrevolução – uma evasão de volta a uma servidão mental e moral confortável, mas desumanizadora, para com a natureza elementar. De facto, é aqui que a minha história tanto se inicia como termina. A preocupação principal do que se segue refere-se aos primeiros séculos da Igreja, mas acerco-me a esses séculos sobretudo a partir da perspectiva do presente, e regresso deles apenas para considerar o que a autêntica natureza de uma cultura pós-cristã deveria ser. É talvez inútil dizer que os meus prognósticos tendem para o sombrio.

É sempre arriscado fazer um resumo. Tenho a consciência de que – assim reduzida aos seus elementos mais despojados – falta à minha tese um certo refinamento. Deixo ao leitor a tarefa de avaliar se eu de facto consigo atingir um maior grau de subtileza ao fornecer os detalhes que se seguirão. No entanto, este projeto é animado por uma aguda percepção da enorme distância, feita de esquecimento histórico e alienação cultural, que nos separa dos primeiros séculos da era cristã, e de como tão frequentemente a nossa familiaridade com o Cristianismo que hoje conhecemos nos pode tornar insensíveis ao caráter inovador e estranho do Evangelho quando este foi pela primeira vez proclamado – ou mesmo quando ele foi recebido por sucessivas gerações de cristãos do mundo antigo e medieval. E isto é mais do que apenas um facto

lamentável. O nosso habitual sentido da continuidade da história, embora possa acomodar ruturas e convulsões de uma certa magnitude, torna ainda difícil que possamos compreender a absoluta imensidão daquilo a que desejo apelidar de «interrupção cristã» da tradição ocidental. Mas é algo que deveríamos compreender se desejarmos entender adequadamente quem fomos e no que nos tornámos, ou entender tanto a bendita casualidade como a pungente fragilidade de muitas daquelas «verdades» morais em que se fundamenta a percepção que temos da nossa humanidade, ou mesmo para entender que defesas possuímos contra a consequente extinção cultural daquelas verdades. E, tudo somado, uma vez que foi tão grande a potência da interrupção cristã quanto a modelar a realidade em que todos habitamos, é nada menos do que nossa obrigação para com o nosso passado procurar apreender a sua autêntica natureza.

Considerarei este livro como sendo um ensaio, e essa descrição deve ser tida em atenção durante a sua leitura. O que se segue não é realmente, de nenhum modo, uma história, se por tal se pretende significar uma crónica exaustiva, sequencial e em detalhe de acontecimentos sociais, políticos e económicos. Em grande medida, isso deve-se ao simples facto de eu não possuir as competências particulares que se esperam de historiadores genuinamente versados e de ter uma consciência aguda de como quaisquer esforços da minha parte nessa direção haveriam de ser muito insuficientes em comparação com a obra de tais historiadores. O que escrevi é uma extensa meditação acerca de determinados factos da história e nada mais. A sua disposição é sobretudo temática, mais do que cronológica, e não pretende tomar em consideração a maioria dos debates mais litigiosos da moderna erudição histórica a propósito da Igreja primitiva (a não ser quando necessário). Por conseguinte, a minha narrativa mover-se-á ao ritmo que for ditado pelo meu argumento. Uma vez que se trata de um ensaio, teria preferido prescindir completamente de todo o aparato crítico,

para o tornar tão conciso e fluido quanto possível; mas concluí que não podia dispensar por completo as notas e, por isso, tive de me satisfazer com o facto de tornar a sua frequência tão reduzida e mínima a sua extensão quanto poderia ser admitido pelo senso comum e pela minha consciência. A disposição da minha tese é simples e compreende quatro «movimentos»: começo, na 1ª parte, pelo estado atual da polémica comum antirreligiosa e anticristã e procuro identificar determinadas pretensões que habitualmente a animam; na 2ª parte, considero, de uma forma um tanto desordenada, a visão do passado cristão que a ideologia da modernidade nos ensinou a abraçar; na 3ª parte, o cerne deste livro, procuro iluminar (tematicamente, como digo) o que se passou durante os primeiros séculos da Igreja e a lenta conversão do Império Romano à nova fé; e, na 4ª parte, volto ao presente para considerar as consequências do declínio da Cristandade.

O que procurei descrever neste livro, devo enfim assinalá-lo, é em grande medida uma visão pessoal da história cristã, e reconheço que ela é talvez ligeiramente excêntrica em certas das suas ênfases, na sua forma e mesmo ocasionalmente no seu tom. Isso não significa que seja uma mera recolha de impressões subjetivas; estou pronto a denunciar com toda a frontalidade o que julgo serem falsas histórias e historiadores desonestos ou incompetentes, e isso implica uma certa quantidade de indícios substantivos. No entanto, julgo que se deva admitir que, para se comunicar uma visão pessoal, é necessário fazer mais do que demonstrar ou refutar determinadas asserções a respeito dos factos; é necessário convidar outros a verem aquilo que o próprio vê e deve procurar-se atrair outros ao mundo aberto por essa visão. Creio que num determinado momento da história algo aconteceu com a humanidade ocidental que a transformou nos níveis mais profundos da consciência e nos níveis mais elevados da cultura. Foi algo de uma imensidão tão estranha e resplandecente que é quase inexplicável que a sua memória se tenha tão extensamente eclipsado das nossas mentes, para se ter reduzido a alguns antigos hábitos de pensa-

mento e desejo, cujas origens já não conhecemos, ou para ter sido totalmente substituída por alguns hábitos recentes de pensamento e desejo que nos tornam esquecidos daquilo que pusemos de parte. Mas talvez o véu que o tempo ergue entre nós e o passado distante de algum modo nos proteja do fardo de uma memória em demasia. Torna-se com frequência extenuante mergulhar demasiado inteiramente nas sombras de épocas que se desvaneceram, e a nossa capacidade de esquecer é (tal como Friedrich Nietzsche assinalou), em grande medida, uma parcela da nossa capacidade de viver no presente. Dito isto, qualquer capacidade natural pode também vir a manifestar-se como uma debilidade inata; viver inteiramente no presente, sem aquela sabedoria que provém de uma perspectiva alargada sobre o passado, equivale a levar uma vida de imbecilidade, distração insípida e ingratidão. Com o passar do tempo, a nossa capacidade de esquecimento pode conduzir a que tudo pareça banal e previsível, até mesmo aquelas coisas que são na verdade bastante excecionais e implausíveis. A mais importante função da reflexão histórica consiste no despertar-nos de um esquecimento demasiado complacente e em recordar-nos das coisas que a memória nunca deve perder. E a mais importante função da história cristã é a de nos recordar não só de como viemos a ser os homens e as mulheres modernos que somos, ou de como foi modelada a civilização ocidental, mas também de algo incalculavelmente prodigioso e de uma beleza inexprimível, cujo conhecimento nos pode ainda inquietar, deliciar, atormentar e transfigurar.

ÍNDICE GERAL

<i>Introdução</i>	7
PRIMEIRA PARTE FÉ, RAZÃO E LIBERDADE: UMA VISÃO A PARTIR DO PRESENTE	15
Capítulo 1 O evangelho da descrença	17
Capítulo 2 A era da liberdade	39
SEGUNDA PARTE A MITOLOGIA DA ERA SECULAR: A REESCRITA DO PASSADO CRISTÃO PELA MODERNIDADE	49
Capítulo 3 Fé e razão	51
Capítulo 4 A noite da razão	61
Capítulo 5 A destruição do passado	79
Capítulo 6 Morte e renascimento da ciência	89
Capítulo 7 Intolerância e perseguição	115
Capítulo 8 Intolerância e guerra	131

Capítulo 9 Uma Idade das Trevas	147
TERCEIRA PARTE REVOLUÇÃO: A INVENÇÃO CRISTÃ DO HUMANO	161
Capítulo 10 A grande revolta	163
Capítulo 11 Uma tristeza gloriosa	187
Capítulo 12 Uma mensagem libertadora	209
Capítulo 13 O rosto dos sem rosto	237
Capítulo 14 A morte e o nascimento de mundos	261
Capítulo 15 Humanidade divina	283
QUARTA PARTE REAÇÃO E RECUO: A MODERNIDADE E O ECLIPSE DO HUMANO	305
Capítulo 16 O secularismo e as suas vítimas	307
Capítulo 17 Bruxos e santos	321
<i>Índice de nomes</i>	339
<i>Índice geral</i>	343